

MINELVINO

FRANCISCO SILVA

286

314.
R.2.99



O almoço de

ZE GRILLO

na casa de

CHICO CANCÃOZINHO

MINELVINO FRANCISCO SILVA



O ALMÔÇO DE ZÉ GRILO NA CASA DE CHICO CANCÃOZINHO

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional.



EDITORA
 **Prelúdio** LDA

RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374

SÃO PAULO

MINELVINO FRANCISCO SILVA

**O ALMÔÇO DE ZÉ GRILO NA CASA DE
CHICO CANCÃOZINHO**

★

Senhores peço atenção
Entendam êste livrinho
Que agora vou escrever
Pois é muito engraçadinho;
E' a história de Zé Grilo
Com Francisco Cancãozinho.

João Grilo, velho morreu
Porém, um filho deixou
Que tôdas suas astúcias
Êsse garôto puxou
Por nome de José Grilo
A mãe dêle o batizou.

Zé Grilo foi se criando
Já muito astuto e saído;
Ninguém a êle enganava
Pois era muito sabido;
Quem com êle se metesse
Nunca tirava partido.

Um dia estava Zé Grilo
Pelo terreiro brincando
Pertinho duma cancela
Quando um doutor foi chegando
Montado num bom cavalo
Foi por êle assim gritando:

Menino, tenha a bondade,
Abra esta cancela aqui!
Disse Zé: Quem é você
Que eu nem nunca lhe vi?
Respondeu: Sou um doutor
Que a você me dirigí!

Doutor? O que é doutor?
Foi Zé Grilo interrogando.
Um homem muito sabido.
O doutor foi lhe falando.
Que sabe tudo no mundo
Foi bem direito explicando.

Sendo assim, disse Zé Grilo,
A mim queira desculpar;
O senhor sabe de tudo
Eu não vou me ocupar
Saiba abrir sua cancela
Sem precisar me amolar!

O doutor de tanta raiva
Do cavalo quase cai
E disse assim: O' meu filho,
Me diga, quem é seu pai?
Disse Zé Grilo: Ora bolas,
Agora é que a coisa vai:

Já me chamando *meu filho*
Inda vem me perguntar,
Pra dizer quem é meu pai?
Esta foi de amargar...
O senhor sabe de tudo
Mas não sabe conversar!

O doutor disse: Danou-se;
Este menino é o Cão.
Ligeiro abriu a cancela
Não deu mais satisfação
Botou o cavalo a tôda
Quase sem ter direção.

Agora deixo Zé Grilo
Com sua sabedoria
Falo em Chico Cancãozinho
No lugar que residia
Na astúcia até o pai
Talvez com êle perdia.

Canção de Fogo morreu
Mas deixou êsse filhinho
Que logo foi batizado
Por Francisco Cancãozinho
Pior do que Cancão velho
Ainda mais um pouquinho.

Cancãozinho deixou mãe
Em grande necessidade;
O tempo estava de crise
Que fazia piedade
E jogou-se pelo mundo
Com seis anos de idade.

Dizia êle consigo:
Dê andar não tenho mêdo
Tempo ruim quem espera
E' rio sêco ou lajedo
Porisso vou cair fora
Comer nem que seja breudo.

De viver passando fome
Não posso mais suportar
Eu vou sair pelo mundo
Ver minha sorte que dar
Pois eu sou filho de peixe
Preciso aprender nadar.

Quando foi de madrugada
Cancãozinho viajou
Sem a mãe saber de nada
Êle daí se jogou
Fazendo malabarismo
Novo destino tomou.

Zé Grilo também seguiu
 Pelo mundo a viajar
 Pois quem é filho de peixe
 De fato, sabe nadar.
 Quem é do mar não enjoa
 E nem pode se afogar.

 Chegando numa cidade
 Com Cancãozinho encontrou
 Deram-se mãos de amigos
 E logo continuou
 A grande camaradagem
 Daí avante aumentou.

Cancãozinho com Zé Grilo
 Não se sabia o melhor
 Zé Grilo era estradeiro
 Cancãozinho era o maior;
 Se Cancãozinho era esperto
 Zé Grilo muito pior!

 Um dia, estavam na rua
 Viram um senhor perguntar
 A um Juiz de Direito
 Que horas já iam dar
 Ele procura o relógio
 Porém não pôde encontrar.

Disse o Juiz de Direito:
 Ah! meu relógio esqueci
 Lá na mesinha do quarto
 Na hora que eu saí.
 Êste já se chama meu!
 Cancãozinho disse pra si...

 Cancãozinho já sabia
 Da casa do magistrado;
 Disse a Zé Grilo baixinho:
 Êste aí está logrado!
 Vá buscar logo o relógio
 Na casa dêsse quadrado.

Êles já tinham um peru
 Para fazer um almôço
 Se arranjasse o relógio
 Era um bocado sem osso
 Zé Grilo seguiu direto
 Sem um pequeno alvorôço.

 Levando o peru no braço
 Zé Grilo logo marchou
 Lá na casa do juiz
 Em dez minutos chegou
 E tocando a campainha
 A negra se apresentou.

Disse a negra: Que deseja?
 Zé Grilo aí respondeu:
 Venho buscar o relógio
 Que o doutor esqueceu!
 A negra logo entregou
 Pois era o direito seu.

 Olhe aqui êste peru,
 Zé Grilo tornou falar,
 Que êle também mandou
 Para à senhora entregar;
 Deixasse para amanhã
 Pra meio-dia almoçar.

Ela tomou o peru
 Lá no quintal amarrou;
 Zé Grilo com o relógio
 A tôda pressa voltou;
 Chegou, deu a Cancãozinho
 Que muito alegre ficou...

 Disse Chico Cancãozinho:
 Você trabalhou polido
 Bem sei agora que és
 Meu companheiro querido
 Venceremos todo mundo
 Ninguém nos deixa iludido.

Vamos vender o relógio
Para beber e jogar;
Dar dinheiro às mulheres
Tomar cerveja no bar
Nosso peru, amanhã
Bem cedo eu irei buscar.

Quando o Juiz de Direito
Em sua casa chegou
Foi procurar o relógio
Na mesa não encontrou
O Juiz chamou a negra
Ligeiro lhe perguntou:

Você não viu um relógio
Que botei ontem ao deitar
Aqui na mesa do quarto
E me esqueci de apanhar?
A negra disse: O relógio
O senhor mandou buscar...

Veja aqui êste peru
Que o senhor mandou trazer
E pra mandar o relógio
Não tive tempo a perder
Peguei, mandei o relógio
Para não se aborrecer.

O Juiz sendo filósofo
Não quis fazer alarido;
O bom cabrito não berra!
Pençava no seu sentido;
Ficou calado consigo
Porém muito aborrecido.

Disse o Juiz para a negra:
Amanhã pode matar
Êste peru que me falas
E direitinho aprontar
Pra meio-dia estar pronto
Que virei para almoçar.



Quando foi no outro dia
 O Juiz aí marchou
 Lá para o seu escritório
 E a negra cá ficou
 Matou ligeiro o peru
 Bem direitinho aprontou.

Quando foi às onze horas
 Cancãozinho foi chegando
 Chamou na porta: O' de casa!
 E a negra se apresentando
 Perguntou: O que deseja?
 Ele assim foi lhe falando:

O doutor mandou dizer
 Para a senhora mandar
 Um peru que tem aqui
 Pra eu depressa levar
 Do jeitinho que estivesse
 Podia me entregar.

Pois o peru foi roubado
 E o dono quer receber
 Me mandou a tôda pressa
 Para a senhora dizer
 Que me entregasse o peru
 Para a coisa não render.

Ela apanhou o peru
 Já pronto num caldeirão
 Entregou a Cancãozinho
 Dizendo nesta razão:
 O tal menino de ontem
 Só merece uma prisão.

Cancãozinho foi se embora
 Foi passar bem à vontade
 Com seu amigo Zé Grilo
 Com a maior facilidade
 Trabalhar ninguém falasse
 Com êles nessa cidade.

Quando foi às doze horas
 Que o Juiz foi chegando
 Mandou botar o peru
 A negra foi lhe falando:
 O senhor mandou buscar
 E o Juiz foi se danando.

Que negra, filha da mãe
 Que a nada presta atenção;
 Ontem entregou meu relógio
 Por que fiz pouca questão
 Hoje pegou o peru
 E deu ao mesmo ladrão!?

Se eu não lhe der uma sova
 E êsse ladrão voltar
 Carrega até meu sobrado
 Sem ela se importar
 Vai ganhar umas pancadas
 Se a outro aqui despachar.

A negra disse: Patrão,
 O senhor foi o errado
 Se o senhor diz há mais tempo
 Desta tinha se livrado;
 — Brasileiro fecha a porta
 Porém depois de roubado.

Zé Grilo mais Cancãozinho
 Viviam a passear:
 Bucho cheio de peru
 Dinheiro para gastar;
 Não estandô êles com fome
 Podiam os outros chorar!

Ambos já eram rapazes
 Numa certa ocasião
 Arranjaram namoradas
 Não perdiam uma função
 Rapazes muito direitos
 Zé Grilo e o novo Cancão.

Um dia houve uma festa
 E um, não tinha sapato.
 Como é que vou dançar?
 O outro disse: E' exato!
 Mas vamos ali na loja
 Comprar um muito barato.

Cancãozinho disse: Zé,
 Você faz que vai comprar
 Chegue lá peça o sapato
 Comece logo calçar
 Amarre logo os cadarços
 Aí comece a falar:

Êste daqui ficou bom!
 Você assim vá falando.
 Êste daqui ficou bom!
 E eu da porta assuntando
 E digo: Então pague logo
 E você vai se zangando.

Você xingue minha mãe
 E me chame pra brigar
 Eu aí lhe dou um murro
 E quando a faca eu puxar
 Você corre e eu corro atrás
 Fingindo querer pegar.

Com os sapatos nos pés
 Nós aí vamos brincar
 Com nossas belas meninas
 Até quando o sol raiar.
 Zé Grilo disse: Colega,
 Tu sabes adivinhar!

Zé Grilo seguiu na frente
 Cancãozinho atrás ficou
 Lá na casa de calçados
 Um bom sapato apressou
 Pediu pra experimentar
 O caixeiro lhe entregou.

Pediu logo um par de meias
 Nessa mesma ocasião
 O homem lhe entregou,
 Sem haver alteração
 Tirando os sapatos velhos
 Pôs em cima do balcão.

Calçou os sapatos novos
 Os cadarços amarrou
 Caminhou pra lá pra cá
 E desta forma falou:
 Êste daqui ficou ótimo
 Nos meus pés até colou!...

Êste ficou formidável!
 Pra lá e pra cá andando.
 Nessa hora Cancãozinho
 Ficou na porta, assuntando
 — Já que está bom, pague ao dono
 Não fique assim chateando.

Importe com sua vida!
 Disse Zé Grilo, zangado.
 Nada pertence a você
 Não seja assim tão ousado;
 Estou chateando é você
 Cachorro, desaforado!...

Disse Cancãozinho: Entupa!
 Precisa me respeitar.
 Deu grande murro em Zé Grilo
 Para ver no chão rolar
 Pegou no pé do ouvido
 Fez Zé Grilo estontear.

Quando Zé Grilo aprumou-se
 Deu no outro um empurrão
 Que êle caiu de costas
 Lá por cima do balcão
 Sapatos e miudezas
 Derrubou tudo no chão.

Cancãozinho se aprumou
Do tombo que recebeu;
Aí puxou uma faca
Zé Grilo logo correu;
Cancãozinho acompanhou-o
Dizendo: Espera plebeu!

Ficou o dono da casa
Dizendo pra multidão:
Aquê *espírito de porco*
Fez grande atrapalhão
O môço ia me pagar
Sem precisar de questão.

Muito adiante Zé Grilo
Se ajuntou mais Cancãozinho
Foram dando gargalhadas
Prosando pelo caminho
Se sentaram descansando
Ali na grama um pouquinho.

Zé Grilo disse: Você
Fez uma mesmo do Cão
Me deu um murro tão grande
Que quase tombo no chão
Ele disse: E o sapato
Não paga êsse murro, não?

Paga, sim, disse Zé Grilo,
Agora vamos brincar
Com as nossas namoradas
Nós hoje vamos dançar
Passear pelo escuro
Até o dia raiar!

Aí seguiram pra festa
Dançaram a noite todinha
Palestrando com os brotinhos
Isso até de manhãzinha
Trataram pra ir embora
No outro dia à noitinha.

As duas logo aceitaram
E foram se arrumar
Para que no outro dia
Com êles fôssem viajar
Êles já viviam prontos
Não tinham mais que aprontar.

Elas pensavam que êles
Fôssem mesmo uns fazendeiros
Mas tudo era ao contrário
Êles eram trapaceiros
Viviam só de aventuras
Como bons aventureiros.

Êles pensavam que elas
Também tivessem dinheiro
Que o pai de cada uma
Fôsse grande fazendeiro
Seus pensamentos falharam
Não houve um verdadeiro.

Afinal roubaram elas
E pelo mundo seguiram
Pra muito longe dali
Êles dois escapuliram
Os pais das môças, no dia,
Nem ao menos pressentiram.

Chegaram em outra cidade
Logo uma casa arranjaram
Afastada, no subúrbio
E as amigas botaram;
Ambos se arrependeram
Da hora que as carregaram.

Porque perguntaram a elas
O que tinham de valor
A mulher de Cancãozinho
Lhe respondeu sem temor:
O meu pai vive de esmola
Na Rua do Tombador!

Disse a mulher de Zé Grilo:
 Meu pai é bem empregado
 Seu emprêgo é varrer rua
 Ganhando o dia a cruzado
 Às vêzes não pede esmola
 Devido o saco rasgado...

Cancãozinho disse: Puxa!?

Agora estamos furtados:
 Nossa arte é enganar
 E fomos hoje enganados
 Nós caímos no estrume
 Ficamos todos melados.

Cancãozinho disse a Zé Grilo
 Para as espôsas deixar
 Zé Grilo disse que não
 Assim não quis aceitar
 Tinha tomado amizade
 Não quis mais abandonar.

Cancãozinho disse: Mesmo,
 Não tem mais jeito pra dar
 Já que estou todo melado
 Vou acabar de melar;
 Ambos com suas espôsas
 Foram com elas morar.

Ambos aí se apartaram
 Porque se viram obrigados
 Não podiam ficar juntos
 Porque já eram casados
 Daí avante os amigos
 Foram viver separados.

A espôsa de Zé Grilo
 Descansou de um garotinho
 Que logo foi combinado
 A tomar como padrinho
 O seu amigo fiel
 O Francisco Cancãozinho.

E do casal Cancãozinho
 Outro menino nasceu
 Pra Zé Grilo batizar
 Cancãozinho logo deu;
 E foram aceitos os brindes
 Que um a outro ofereceu.

Então, no dia seguinte
 Que as crianças batizaram
 Zé Grilo mais Cancãozinho
 Alegres se abraçaram
 Como compadres fiéis
 Ambos se consideraram!

Cancãozinho foi residir
 Num bairro muito afastado
 Da casa de José Grilo
 Ficava de outro lado
 De um grande ribeirão
 Que era muito falado.

Zé Grilo nunca pensou
 Numa certa ingratidão
 Que o compadre Cancãozinho
 Mudasse de opinião
 E depois que se casou
 Lhe dava pouca atenção.

Ficou ruim duma forma
 Nunca vista num recinto
 Era o amigo da onça
 Porque não dava água a pinto
 Muito sovina e guloso
 E também muito indistinto.

A mulher de José Grilo
 Um dia foi passear
 Em casa de Cancãozinho
 Foi uma de amargar:
 Quase que morre de fome
 Sem darem o que almoçar.

Pois ali ela chegou
 Já perto de meio-dia
 Na casa de Cancãozinho
 Isso foi grande alegria;
 Palestraram, palestraram
 Mas almoço não saía...

Vai conversa, vem conversa
 E a mulher já se torcendo
 Com uma fome tão grande
 Que o bofe estava roendo;
 Cancãozinho à vontade
 Nada disso estava vendo.

Lá uma hora da tarde
 Cancãozinho assim dizia;
 Pra comadre dar licença
 Que lá dentro ele ia
 Que dali a dez minutos
 Novamente sairia.

Ela aí pensou consigo:
 Ele já vai ajeitar
 A mesa para a comadre
 Logo a comida botar
 Pois com a fome que estou
 Eu como até me fartar!

Porém tudo foi engano
 Que nada disso ela viu
 Assim que o compadre entrou
 Sua comadre saiu;
 Aí travaram na prosa
 Cancãozinho se sumiu.

Ele lá foi à panela
 Botou comida e comeu
 Nem ao menos um ossinho
 À comadre ofereceu
 Depois do bucho bem cheio
 Ele alegre apareceu.

Quando êle chegou ali
 A mulher assim falou:
 Comadre, me dá licença!
 E dali se retirou
 Ia comer o restante
 Que Cancãozinho deixou.

A mulher de Cancãozinho
 Chegando então na cozinha
 Fez um prato de feijão
 Com arroz, carne e galinha
 E comeu todo êsse prato
 Bem ligeira e caladinha.

Quando encheu bem a barriga
 Pra fora tornou voltar
 Sentou-se numa cadeira
 Começou a palestrar;
 A outra com tanta fome
 Em tempo de se acabar.

Disse: Bem, minha comadre,
 Eu agora vou me embora;
 Já está um pouco tarde
 Já passa quase da hora
 Preciso chegar em casa
 Não posso ter mais demora.

Está cedo, minha comadre.
 Cancãozinho assim dizia;
 Deixe pra ir amanhã
 Pela tarde ou meio-dia
 Pois a gente há tanto tempo
 Que a senhora não via!

Diga ao compadre Zé Grilo
 Que venha aqui, passear;
 Venha de plano a dormir
 Para à noite nós prosar
 Que estou com bem saudade
 Venha pra nós conversar!

Ligeiro, de seu compadre
A mulher se despediu;
Também de sua comadre
Sua viagem seguiu
Chegou contou a Zé Grilo
Tôda a fome que sentiu.

Disse ela: Pode crer
Que quase morri de fome
Quem fôr de plano dormir
A precisão lhe consome
Na casa de meu compadre
Quem é de fora não come.

Aí contou todo o caso
Do jeitinho que se deu
Na casa de Cancãozinho
A fome que padeceu;
Zé Grilo disse à mulher:
Quem vai agora sou eu!

Disse ela: Pois se fores
E não levar que comer;
Na casa do meu compadre
De fome tu vais morrer,
Porque compadre e comadre
Nem água dão pra beber.

Zé Grilo lhe respondeu:
Amanhã vou descontar;
Na casa de meu compadre
Eu tenho que almoçar
Ou mato êle de fome,
Comigo vai se enrascar!

Aí mandou a mulher
Fazer depressa um saquinho
Mandou encher de farofa
Com torresmo de toucinho
Para poder visitar
Seu compadre Cancãozinho.



A mulher fez o saquinho
E a farofa aprontou
Uns dois litros, mais ou menos
Logo a Zé Grilo entregou;
Pra casa de Cancãozinho
Bem cedinho se botou.

Pensava êle consigo:
Compadre vai me pagar
O que fez à minha espôsa
Agora vou descontar;
Ou êle me dá almoço
Ou fica sem almoçar!!!

Chegando perto da casa
Sua comida escondeu
Debaixo de uma pedra;
Sua viagem rompeu.
Na casa de seu compadre
Alegre, palma bateu...

Inda era muito cedo
O outro estava dormindo
Zé Grilo bateu na porta
Êle logo foi ouvindo;
Levantou-se bem ligeiro
Logo a porta foi abrindo.

Quando foi vendo Zé Grilo
Sorrindo a êle abraçou.
Disse: Entre, meu compadre,
Zé entrou e se sentou;
A mulher de Cancãozinho
Ligeira se levantou.

Chegando abraçou Zé Grilo
Com tôda satisfação;
Perguntou pela comadre
Nessa dita ocasião
E pelo afilhadinho
Que se chamava João.

Zé Grilo disse: Estão bons,
Mandaram muita lembrança.
De sair um cafèzinho
Ali não tinha esperança
Pois Zé Grilo conhecia
Bem direito aquela trança.

Conversaram, palestraram
O sol pegou altear
E nada dum cafèzinho
Para Zé Grilo tomar;
Até que deu meio-dia
Na hora de almoçar!

Cancãozinho já com fome
E muito mais a mulher
Porque desde manhãzinha
Nada comeram sequer;
Pra não dar a seu compadre
Nem um pouco de café!

Já uma hora da tarde
Estavam pra se acabar;
Zé Grilo disse: Compadre,
Consigo eu quero falar:
Dê licença eu vir aqui
Com pouco eu torno voltar!

À vontade, meu compadre,
Cancãozinho respondeu;
Zé Grilo foi ligeirinho
Aonde o saco escondeu,
Uns punhados de farofa
A tôda pressa comeu!

De repente Cancãozinho
Para a cozinha marchou
Pra assar uma carninha
À mulher êle ordenou;
Quando a carne estava assada
Aí Zé Grilo chegou...

Meu compadre, o que é que há?
 José Grilo perguntou.
 Não há nada, meu compadre;
 Cancãozinho replicou.
 Pára com isso, mulher!
 Com voz severa ordenou!...

A mulher tirou a carne
 Água no fogo jogou;
 Aí sem perda de tempo
 O fogo se apagou;
 Cancãozinho na varanda
 Nova prosa começou.

Cancãozinho assim pensou:
 Como eu hei de me livrar?
 Vem êste *espírito de porco*
 Para me atrapalhar
 Mas, eu já não dei almoço
 Muito pior o jantar!

Zé Grilo também pensava:
 Se não me der de comer
 Eu daqui hoje não saio
 Suceda o que suceder;
 Se eu não comer, também
 Não deixo ninguém comer.

E vai prosas e mais prosas
 Cancãozinho se torcendo
 Com uma fome tão grande
 Que a fala estava tremendo
 Pois assim desta maneira
 Foi até escurecendo...

Zé Grilo pediu licença
 Para sair um pouquinho;
 O senhor tem, meu compadre,
 Respondeu o Cancãozinho;
 Zé Grilo saiu a tôda
 Foi direto ao saquinho...

Uns punhados de farofa
 José Grilo mastigou
 Quase se engasga apressado
 Ligeiramente voltou;
 Chegando bateu na porta
 Pelo compadre chamou.

Cancãozinho tinha mandado
 A carne tornar assar;
 Quando Zé Grilo chamou
 Ele mandou pra guardar;
 A mulher tirou a carne
 Tornou o fogo apagar!

Cancãozinho já bem fraco
 Mas queria resistir
 Pra não dar nada ao compadre
 Queria assim persistir
 E se travaram na prosa
 Até hora de dormir.

Às dez horas, mais ou menos,
 Ambos aí se enfadaram
 Cancãozinho e a mulher
 Uma rêde ajeitaram
 Pra seu compadre Zé Grilo
 Com duas cordas armaram.

A rêde já estava armada
 Cancãozinho lhe falou:
 Pode deitar, meu compadre;
 Zé Grilo lhe explicou:
 Eu estou com tanto sono.
 Dizendo assim se deitou...

Pensou Cancãozinho assim:
 Ele vai adormecer;
 Minha mulher se levanta
 E apronta o que comer
 Vamos comer à vontade
 Até nos satisfazer!

Zé Grilo também pensou:
 Eu não durmo agora, não;
 Eles vão fazer comida
 Eu fico de prontidão
 Quando estiver tudo pronto
 Eu vou ao pé do fogão.

Então assim mesmo fez
 Fingiu estar ressonando
 Porém tudo de manobra
 Pois tudo estava assuntando.
 Cancãozinho disse: Mulher,
 Eu já estou me acabando...

Comida muito pesada
 Não aguento mais comer
 Vai fazer-me um mingauzinho
 Pra ver se posso beber.
 Do contrário, desta vez
 Parece que vou morrer!

A mulher se levantou
 Depressa o fogo acendeu
 Botou em cima a panela
 Pôs uma goma e mexeu
 Já estava pra dar ponto
 Zé Grilo se remexeu.

Assim que buliu na rêde
 Sua goela consertou
 E disse: Minha comadre,
 Uma pulga me agarrou
 Deu-me tão grande dentada
 Que até o sangue enxurrou!

A senhora dá licença
 Para eu ir sapear
 A camisa, para ver
 Se posso me sossegar?
 Disse a comadre: Pois não,
 Meu compadre, pode entrar!



Ele levou a camisa
Chegando lá sapecou
A mulher tirou a panela
E para um lado encostou;
Zé Grilo olhou pra panela
E assim lhe perguntou:

Puxa vida, minha comadre,
Desculpe eu lhe perguntar:
O que tem nesta panela?
Faça favor explicar!
Ela disse: E' uma goma
Pra amanhã eu engomar...

Muito bem, minha comadre,
Eu já ia lhe falar
Para a senhora amanhã
Esta camisa engomar;
Vou logo botar na goma
Pra mais fácil se tornar.

Aí tirou a camisa
Dentro da goma jogou
Inda mexeu com um pau
A mulher se horrorizou.
Cancãozinho disse consigo:
Agora foi que danou!...

Zé Grilo disse: Compadre,
Agora vou descansar;
A senhora dê licença
Que eu já vou me deitar.
— À vontade, meu compadre,
Pode se agasalhar.

Zé Grilo foi se deitar
Sua comadre voltou
Foi contando a Cancãozinho
O caso que se passou
Disse ele: Está danado
Não sei nem que jeito dou!

Zé Grilo lá de mentira
Depressa foi ressonando;
Cancãozinho escutou bem
Sua mulher foi chamando:
Assa um ôvo ali pra mim
Que estou me acabando...

Disse Cancãozinho: Espôsa,
Eu estou para morrer
Comida muito pesada
Não aguento mais comer
Bote um ôvo lá na cinza
Para esquentar pr'eu beber!

A mulher se levantou
O fogo foi acender;
Botou o ôvo na cinza
Para o marido beber
Quando Zé Grilo na rêde
Ela ouviu se remexer.

Assim que se remexeu
Sua goela temperou
E disse: Minha comadre,
Não sei mais que jeito dou;
Inda não pude dormir
Que a pulga mais se danou!

A senhora dá licença
Pra coberta eu sapear
Para ver se esta pulga
Deixa eu me sossegar?
À vontade, meu compadre,
Disse ela, pode entrar...

Zé Grilo se levantou
Com tôda disposição
Viajou para a cozinha
Com o cobertor na mão
Sapecou bem a coberta
E disse nesta razão:

Minha comadre, hoje o dia
 Passei todinho a prosar
 Com a senhora e meu compadre
 E me esqueci de contar
 Um caso que aconteceu
 Comigo, sem esperar:

Um vizinho, esta semana,
 Me propôs grande questão;
 O terreno de minha casa
 Tem fincada a marcação;
 Êle quer roubar três palmos
 Ainda quer ter razão!?

Pegou um tição de fogo
 Fazendo a comparação
 E disse: Aqui, minha comadre,
 E' que fica a marcação
 E sôbre o lugar do ôvo
 Riscava na direção:

Êle quer roubar três palmos
 A marcação arrancou;
 Mas só pode ser aqui!
 Por esta forma falou
 E bateu o tição na cinza
 Que o ôvo esbagaçou.

Zé Grilo disse depois:
 Agora vou me deitar;
 Quero ver se estas pulgas
 Inda vêm me atentar!
 Disse a comadre: Pois não.
 Pode ir se descansar!...

A mulher chegou lá dentro
 A seu espôso contou
 Que Zé Grilo com o tição
 Na cinza o ôvo quebrou;
 Cancãozinho de tanta raiva
 Até se desesperou.

Assim calculou consigo:
 Com quem eu fui me pegar;
 Mandar recado pra sarna
 Pra vir pra cá me coçar;
 Só dando comida a êle
 Que já estou pra expirar!...

Aí chamou a mulher
 Mandou o fogo acender
 E disse: Faça comida
 Pra seu compadre comer
 Da forma que nós estamos
 E' arriscado morrer!

Zé Grilo de lá ouviu
 Pensou no seu coração:
 Tu hoje dava ou descia
 De costas dentro do chão
 Porque se tu não desse
 Comer aqui também não!

A mulher se levantou
 Sem pensar mais em ruindade
 Foi logo acendendo o fogo
 E fez comida à vontade;
 Zé Grilo aí dessa vez
 Não abusou da bondade.

Botou comida na mesa
 Cancãozinho se levantou
 Foi chamando seu compadre
 Zé Grilo se despertou;
 Vinha o dia amanhecendo
 Comeu e até se fartou...

Meio-dia veio a janta
 Zé Grilo tornou jantar;
 Deu hora de ir pra casa
 Não pôde mais demorar
 Despediu-se dos compadres
 E se pôs a viajar!

Quando foi chegando em casa
A mulher foi perguntando:
Cadê, você almoçou?
O marido foi narrando:
Eu sou você que saiu
De lá já quase chorando?!

Ou êles me davam janta
Ou então ninguém jantava
Ninguém tomava café
E nem também almoçava;
O que botasse no fogo
Eu entrava e esculhambava.

Aí contou todo o caso
Do jeito que se passou;
Como foi que lá na casa
De seu compadre almoçou.
A mulher deu gargalhada
Quando tudo êle contou.

O almoço de Zé Grilo
Aqui eu vou terminar
E' história verdadeira
Se o leitor apreciar
Pague aqui alguns cruzeiros
Para Deus lhe ajudar.



4619

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

O PRINCIPE FORMOSO — Comovente história de uma jovem que luta para conquistar o amor de um lindo príncipe encantado. Seu amor dá-lhe forças tremendas, e faz com que a linda jovem consiga seu objetivo. Em versos.

BERNARDO E GENEVRA — História de uma curiosa aposta entre amigos sobre a honestidade das mulheres. Bernardo deixa levar-se pela insídia e traição do amigo e abandona a esposa fiel, certo de que as circunstâncias que a acusavam eram reais. Em versos.

OS SOFRIMENTOS DE ALZIRA — Alzira, virgem sonhadora e linda, tem um destino cruel e um amor impossível. Sofre resignadamente, e sua vida é um romântico rosário de dores e sofrimentos. Uma história comovente capaz de provocar lágrimas. Em versos.

ENCONTRO DE CANÇÃO DE FOGO COM PEDRO MALAZARTE
Os dois mais famosos personagens do mundo da lenda encontram-se num temível desafio de astúcia e esperteza. Ninguém pode dizer qual dos dois é mais esperto. Uma luta de inteligência entre dois vultos assombrosamente famosos. Em versos.

PELEJA DO FILHO DO CEGO ADERALDO COM O FILHO DO ZÉ PRETINHO — Quem sai aos seus não degenera, diz um ditado popular. Os filhos de dois famosos heróis entram em desafio, e pela astúcia que demonstram revelam que saíram aos pais. Em versos.

O CACHORRO DOS MORTOS — Romance acontecido no ano de 1806, no tempo do Império, no Estado da Bahia. Um crime que abalou todo o território bahiano e um cão fiel à seus donos descobriu o criminoso.

VIDA E TRAGÉDIA DO PRESIDENTE VARGAS — História em versos do famoso presidente, que tantas glórias deu ao nosso Brasil.

GUIA DOS NAMORADOS — Livro completo, contendo instruções para todos os casos de apaixonados. Tímidos, desembaraçados e nervosos. Um livro útil e moderno.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo

SNB